

## Capítulo 25

### COMÉRCIO E AGRICULTURA

#### IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

**A** TÍTULO de curiosidade transcrevemos a seguir alguns dados sobre as culturas agrícolas daqueles povos, movimento de exportação e importação por eles realizados e preços correntes das mercadorias.

No Departamento do Arquivo do Estado encontramos a seguinte relação:

“Importação de Produtos e Manufaturas do Reino, de outros portos do Brasil e dos países estrangeiros: DE LISBOA – Vinho, 8 canadas; Panos de lã, 10 peças; Baetas, 30 peças; Panos de Linho, 36 peças; Panos de algodão, 156 peças. Da Índia: Chapéus de lã, 17 dúzias; sal, 143 alqueires. Valor da importação: 7.294.160 cruzados. EXPORTAÇÃO – Para São Paulo: algodão, 100 peças; açúcar, 746 quintais<sup>1</sup>; toucinho, 52 quintais; feijão, 10 alqueires; trigo (farinho) 30 arrobas; rapaduras, 4.000 centos. Valor da Exportação, 12.000 cruzados.

A referida relação nos fornece também os preços máximos, médios e mínimos, correntes nas três paróquias de Mogi Mirim, Mogi Guaçu e Caconde<sup>2</sup>.

ARTIGOS	PREÇOS			Quantidade
	Máximo	Médio	Mínimo	
Vinhos de Lisboa .....	800	—	—	Canada
Panos de linho de lã .....	640	600	—	Vara
Panos de linho ordinário .....	560	480	—	Vara
Chapéus de lã .....	1.800	640	—	Unidade
Panos riscados da Índia e algodão	2.560	2.400	1.920	Peça
Sal .....	4.000	2.400	—	Alqueire

<sup>1</sup> - Antigo peso de quatro arrobas.

<sup>2</sup> - Arquivo – Caixa 117, ordem 117.

GÊNEROS DE EXPORTAÇÃO				
ARTIGOS	PREÇOS			Quantidade
	Máximo	Médio	Mínimo	
Açúcar .....	1.440	1.000	800	Arroba
Algodão .....	800	—	—	Vara
Algodão .....	16.000	14.000	12.000	Peça
Fumo .....	1.200	960	800	Arroba
Toucinho .....	960	800	600	Arroba
Trigo .....	1.000	800	—	Arroba
Aguardante .....	1.700	1.440	1.280	Canada
Rapaduras .....	3.000	2.000	—	Cento

Essas listas de preços nos levam a conclusões interessantes: uma delas demonstra que as referidas paróquias chegaram a exportar trigo. Outro ponto a realçar é o alto preço da aguardente. Mil e setecentos réis, ou um cruzeiro e setenta centavos por uma canada dessa bebida (cerca de dois litros), era realmente exagerado se considerarmos o poder aquisitivo da época. Releva notar, ainda, o preço inacessível do sal, cuja escassez determinou verdadeiras tragédias no interior. A respeito de um morador de Caconde, há esta observação curiosa: “Vay ajustar-se noutra capitania para poder comer sal”. Não espanta, pois, que se rebelando contra o odioso monopólio exercido pelos portugueses, Bartolomeu Fernandes de Faria, de Jacaré, tenha se armado e, com duzentos homens sob suas ordens, arrancasse dos arrematadores, em Santos, pelo seu justo preço, o sal que estava faltando no planalto. (2-A)

Continuemos, porém, com a relação, agora dos preços de gêneros consumidos nas três paróquias:

GÊNEROS CONSUMIDOS NAS PARÓQUIAS				
ARTIGOS	PREÇOS			Quantidade
	Máximo	Médio	Mínimo	
Açúcar .....	1.600	1.280	960	Arroba
Algodão .....	960	800	640	Arroba
Algodão .....	150	140	120	Vara
Sal .....	320	280	240	Med.
Fumo .....	960	800	640	Arroba
Aguardante .....	1.280	1.120	960	Canada
Toucinho .....	960	800	640	Arroba
Feijão .....	320	240	200	Alqueire
Milho .....	280	240	160	Alqueire
Rapadura .....	20	—	—	Unidade
Arroz .....	320	280	240	
Trigo .....	1.000	800	600	Arroba

## AGRICULTURA

Sobre o que cultivavam os primeiros habitantes de Caconde é difícil historiar. Vimos que produziam fumo, arroz, feijão, milho, algodão, trigo, cana de açúcar e cereais em geral. Os recenseamentos apenas indicam como atividade: rossa (roça), demonstrando que o recenseado era agricultor ou então limitavam-se a mencionar: “planta para o seu gasto”. O que não esclarece muita coisa. Vamos encontrar, também, a atividade pastoril como preocupação dos primeiros moradores, embora sendo pequenos os rebanhos.

O que deu novo impulso à povoação foi a cultura cafeeira. A entrada da rubiácia nos domínios da Senhora da Conceição verificou-se em 1844. O historiador Humberto de Queiroz menciona que “para o gasto de sua Fazenda da Água Limpa, tinha José Cristóvão de Lima café plantado em 1844, do qual cedia, a amigos, a 4\$000 a arroba, uma pequena parte”<sup>3</sup>.

São Sebastião da Boa Vista, hoje Mococa, pertencia a Caconde. O nome de José Cristóvão de Lima aparece várias vezes como candidato ao cargo de juiz de Paz e eleitor de paróquia.

Já existiam cafesais em Caconde propriamente dito em 1865. De um relatório datado de 18 de novembro desse ano, da Comissão nomeada pela Câmara para estudar o melhor traçado de uma estrada para São José da Boa Vista (Muzambinho), na Província de Minas, destacamos estes trechos:... que deve (a estrada), seguir pelo caminho do Engenho do Sena até à Casa de Maria Francisca, desta ao Ribeirão de São Miguel em direção ao Espigão da Gordura, por esta acima até um baixado, deste deixando o cume do espigão à esquerda, procurando **a cabeceira do cafetal de Joaquim Alves Moreira ...**” E mais adiante: “... e pelo espigão acima à **direita do cafetal de Fabrício Venâncio da Silva**”.<sup>4</sup>

Ao se dirigir, em 1874, ao presidente da Província sobre o pretendido desmembramento do Rio do Peixe (Divinolândia), dizia a Câmara em ofício ao presidente João Teodoro Xavier: “... se bem que pobre é o nosso município e da extrema da Província, repousando sobre solo fecundo de ubérrimas florestas, onde os seus agricultores, hoje cheios de confiança no futuro, **atiram-se denodadamente ao plantio de café e algodão**.”<sup>5</sup>

Já em fins do século XIX os lavradores, levados pelas perspectivas da nova cultura que havia de galvanizar todo o Estado, cuidaram do plantio sistemático de cafeeiros. Esta iniciativa criou novas facilidades para os seus habitantes, aumento da renda e elevação do padrão de vida, permitindo a abertura e conservação de estradas, instalação de escolas, cinemas, teatros, clubes recreativos e clubes dramáticos.

A partir de 1880 intensificou-se a imigração italiana para o Brasil e bem antes do fim do século passado os primeiros peninsulares já estavam trabalhando em Caconde. São Paulo, que nada lucrou com a exploração de fabulosas minas de ouro, passaria, então, a ser um Estado rico. Ou, como se diz hoje, desenvolvido.

A ata da Câmara, de 7 de março de 1904, registra o aparecimento de uma praga, espécie de cigarra, que atacava os cafesais. O governo adotou providências para sua erradicação.

O jornal “A COMARCA”, de 22 de junho de 1918, informa terem caído novas e fortes geadas, com grandes prejuízos para a lavoura de café. O mesmo jornal, de 7 de julho desse ano, revela que em consequência das geadas dos dias 25 e 26 de junho, a lavoura de café sofrera prejuízo de cinquenta por cento.

#### **BANCO DE CUSTEIO RURAL**

Esse Banco, de cuja fundação não conseguimos colher informes, teve sua falência decretada no dia 3 de abril de 1914. Foi nomeado **síndico Antônio Paulino de Araújo**. A

---

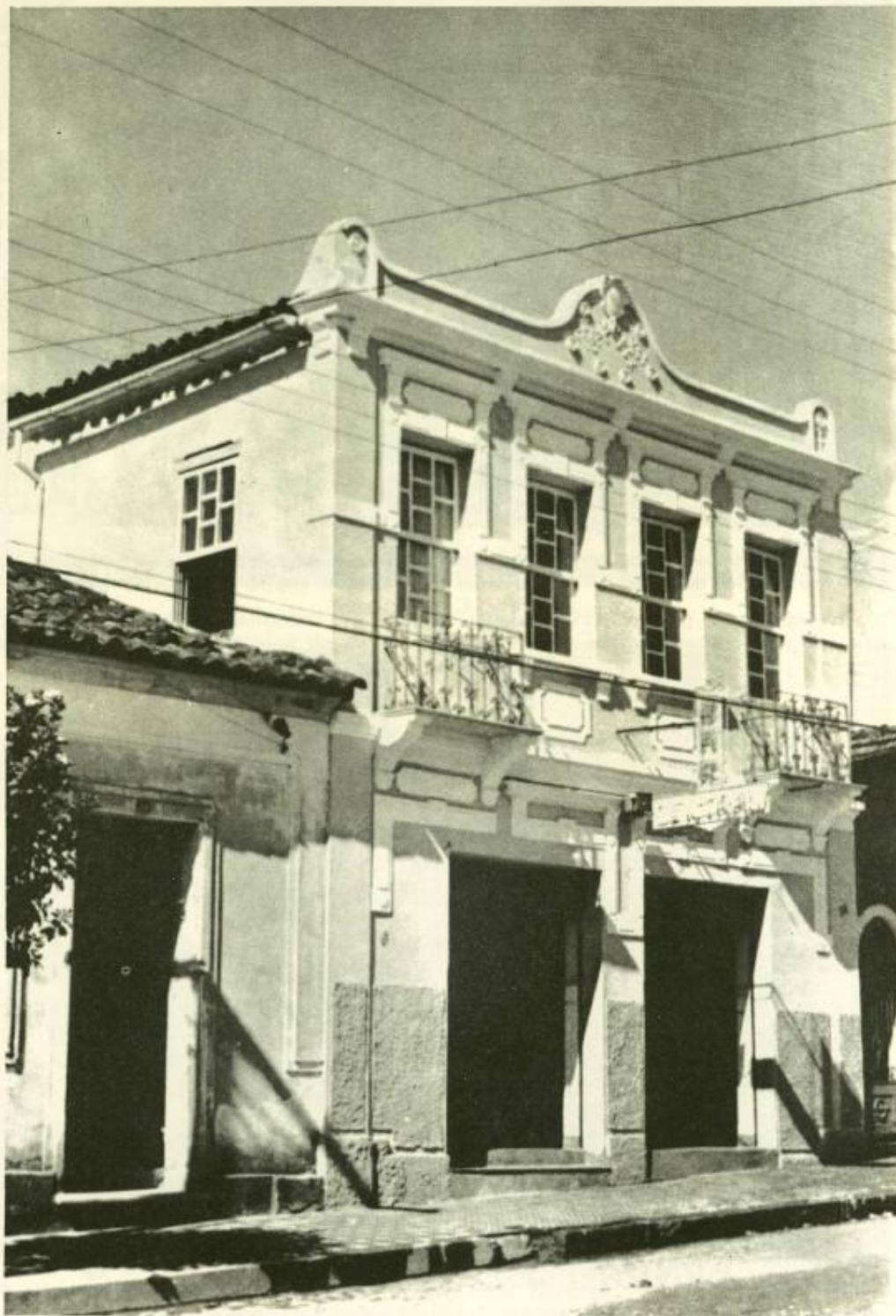
(2-A) – Docs. Ints. XII, 69/70.

<sup>3</sup> - Humberto de Queiroz – “Mococa, de Sua Fundação até 1900”.

<sup>4</sup> - Arquivo, ordem 848, caixa 50.

<sup>5</sup> - Arquivo, ordem 848, caixa 50.

falência foi requerida pelos srs. Lourenço Tardelli e outros. Ignoramos quais eram seus diretores, capital e acionistas e demais dados técnicos. Algumas de suas ações, que vimos na Prefeitura e em casas particulares, estavam assinadas pelo comendador Umbelino Fernandes, como presidente. O jornal “Cidade de Caconde” insinua que a falência do Banco foi consequência da falência da sociedade incorporadora que levou outros estabelecimentos do mesmo título em diversas cidades a idêntica situação. O Banco teria pago a seus acionistas 61% das importâncias por eles aplicadas.



Velho sobrado na Praça Cel. Joaquim José n.º 34, antigo Largo Municipal. Nesse prédio funcionou o Cinema Central, o primeiro da cidade.





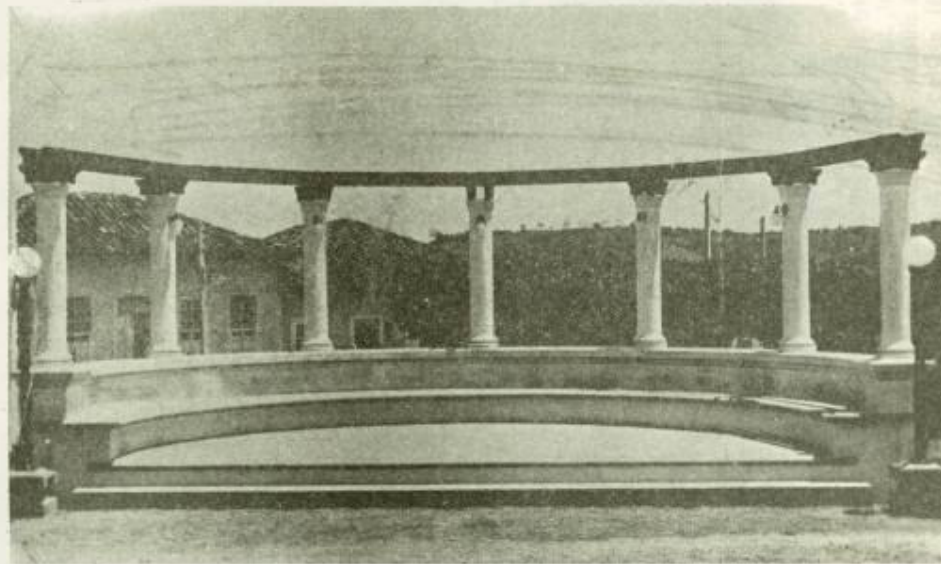
Escola Catéquetica, de propriedade da Igreja, na rua Duque de Caxias esquina da rua Pedro de Toledo. Neste local funcionou o Teatro Variedades e, mais tarde, o Cine Guarani.



A Banda "Santa Cecília". Fotografia de data incerta. Se Benedito de Almeida, que participou dessa corporação aos 19 anos de idade e tinha, em 1977, 72 anos de idade, a foto é provavelmente de 1924.



Benedito de Almeida (Ditinho), 72 anos de idade (1977), fala ao autor deste livro sobre as bandas de música da cidade. É compositor e toca pistão. Foi gerente do jornal "A Sentinela".



Pérgola onde as bandas de música faziam suas retretas. Não sabemos a época de sua construção. Vendo-se a Igreja Matriz de frente, ficava do lado direito, alguns metros distante da fonte luminosa atual. Em estilo grego, era uma delicada obra de arte. A casa ao fundo, à direita, pertencia a Samuel de Souza. A da direita cedeu seu lugar ao prédio de uma loja.





BANDA DE MÚSICA DO PADRE JOÃO MIGUEL DE ÂNGELIS — Foto tirada em 1929 — De pé, da esquerda para a direita: Antônio Maringoli, Silvio Vono, Teófilo de Andrade, João Batista Tigani, João Tobias Barbosa, Osmar Vieira, João Carlos Nogueira, João Roque e Isalino de Paiva Mendes. Sentados, da esquerda para a direita: João Tardelli, Domingos Tigani, José Tigani, Atilio Pioli, Alberto Vieira, Francisco Bueno, Constante Garuti (Bidú) e Dino Pioli. Ao centro, o Padre Miguel de Ângelis.

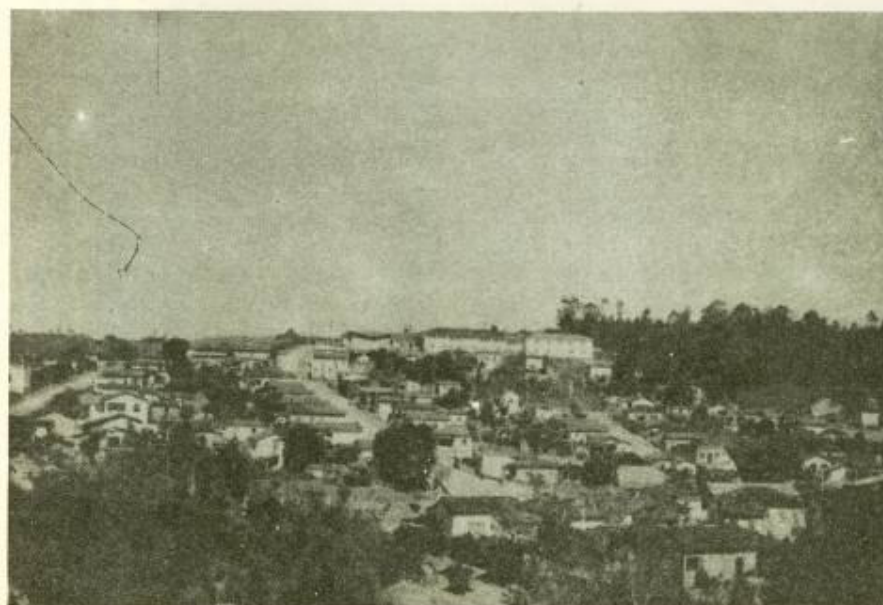


Sede de uma propriedade agrícola. Fotografia tirada em 1976.

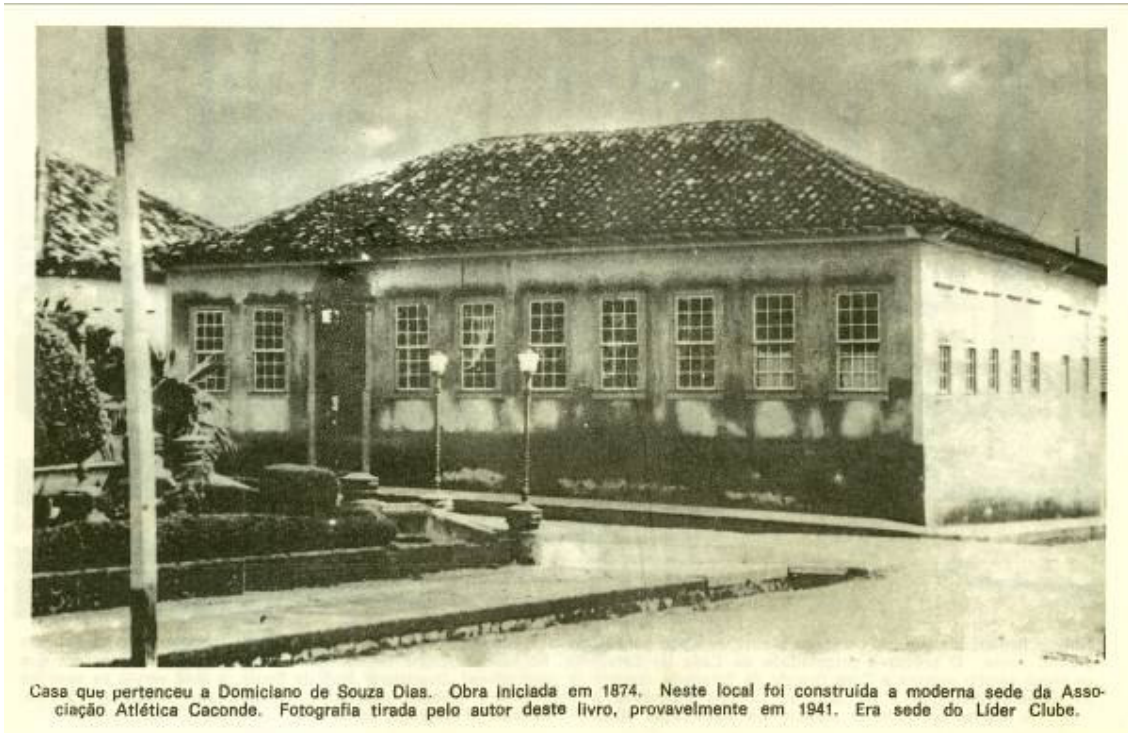




Tróli que servia ao transporte de passageiros no início deste século. Propriedade do sr. Mário Marcelino da Silva.



Vista da cidade, vendo-se ao fundo o Lar do Menino Jesus



Casa que pertenceu a Domiciano de Souza Dias. Obra iniciada em 1874. Neste local foi construída a moderna sede da Associação Atlética Caconde. Fotografia tirada pelo autor deste livro, provavelmente em 1941. Era sede do Líder Clube.



Edifício Ranieri Mazzilli, no Largo da Matriz, ocupado pelo Hotel e Restaurante Alvorada. Nos baixos instalou-se o cinema do mesmo nome. O prédio é propriedade da Casa do Estudante. No local funciona também uma biblioteca. No terreno em que se ergue existiu outrora a Casa Grande da Soledade, construída pelo ten-cel. Domiciano José de Souza, a qual serviu às sessões da Câmara Municipal e do Júri, ao Colégio Imaculada e ao primeiro ginásio municipal, fundado por Sebastião Delfino. A direita o moderno edifício da Associação Atlética Caconde (Fotografia tirada pelo autor deste livro, 1977)